

A CAVERNA COMO IMAGEM DA EDUCAÇÃO

THE CAVE AS AN IMAGE OF EDUCATION

LA CAVERNA COMO IMAGEN DE LA EDUCACIÓN

Daniel Henrique da Silva Pereira¹
André Dias Martins²

RESUMO

O presente trabalho analisa o problema da educação em Platão, no que compreende seu aspecto ético-político e pedagógico a partir da Alegoria da Caverna, Livro VII, d'*A República*. Para tanto, realizou-se uma leitura que visou articular os elementos ético-morais do mito com os desafios da atualidade no campo da formação humana. Desse modo, o objetivo foi aproximar a caverna platônica à “caverna” hodierna. Concluiu-se que, à semelhança dos prisioneiros da alegoria, a sociedade contemporânea está acorrentada pelos grilhões de um sistema de ensino reduzido ao dado econômico e pelas sombras do mundo digital.

Palavras-chave: filosofia; educação; desordem; caverna digital.

ABSTRACT

This paper analyzes the matter of education in Plato's work, focusing on its ethical-political and pedagogical aspects, drawing on the Allegory of the Cave in Book VII of *The Republic*. To this end, a reading was conducted to correlate the ethical and moral elements of the myth with current challenges in human education. The objective was to bring Plato's cave closer to today's “cave” It was concluded that, like the prisoners in the allegory, contemporary society is shackled by an education system reduced to economic data and by the shadows of the digital world.

Keywords: philosophy; education; disorder; digital cave.

RESUMEN

Los títulos de los artículos deben estar escritos en letra Times New Roman, tamaño 14, mayúsculas, en negrita, centralizados y con interlineado simple, uno debajo de otro, en la parte superior de la página. A continuación, se deben incluir los tres resúmenes, seguidos de las palabras clave correspondientes. Así, los artículos deben presentar tres resúmenes, siendo

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5913-1140>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3551874928701284>, E-mail: daniel.d.10@hotmail.com

² Doutor em Educação, para o Ensino de Ciência e Matemática (PCM), pela Universidade Estadual de Maringá, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7862-3468>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3396673427993412>, E-mail: andre.dias@fatecie.edu.br

obligatorios los resúmenes en portugués e inglés. El tercer resumen podrá presentarse en español, francés, alemán o italiano, a elección del autor. Los resúmenes deben estar escritos de acuerdo al siguiente formato: fuente Times New Roman, tamaño 11, interlineado simple y justificado. Los resúmenes deben tener entre 150 y 250 palabras como máximo. Los textos pueden presentar de 3 a 5 palabras clave, en orden de importancia, separadas por punto y coma, y finalizadas por un punto. Deben escribirse con iniciales en minúscula, a excepción de los nombres propios y los nombres científicos.

Palabras clave: filosofía; educación; desorden; caverna digital.

INTRODUÇÃO

O trabalho em tela assenta-se em leituras pertinentes à educação mediante um levantamento bibliográfico, a partir do *Diálogo A República* de Platão (Livro VII) e de especialistas (comentadores) da obra do filósofo-educador, tais como: Jaeger (1994), Reale (2014), Trabattoni (2010) (entre outros). Posto isso, visou-se cotejar aspectos da alegoria com os dilemas da formação do homem de turno, nesse sentido, conforme Dias (2021), no ontem, referindo-se ao presente histórico de Platão, e, no hoje, existem homens amarrados por razões díspares. De um lado, pela ausência de saber, e, de outro, pelo modo de produção alienante do capitalismo.

Assim, servindo-se da realidade circundante, detecta-se uma educação marcada pelos valores do mercado e do lucro, respaldada numa conjuntura sociopolítica que indaga: *para que serve a filosofia (ou: educação), entendida como formação integral?* Diante disso, não seria errôneo supor que o filósofo da Academia estaria na contramão daquilo que hoje se compreende como educação, que tende para a rentabilidade, a vantagem e o êxito pessoal, isto é, reduzida à junção econômica.

Isso, porque Platão sustenta que a educação abarca o escopo mesmo da própria existência que, mediante sua potência, gera na alma a virtude (*areté*) intelectual e de caráter. Nessa perspectiva, este trabalho buscou responder à pergunta: *em que medida a concepção platônica de educação é atual?* Para tanto, objetivou-se compreender o alcance teórico da concepção platônica de educação.

Uma caverna que arrasta a todos

Como assinala Scolnicov (2006, p. 89), “[...] a paideia é a medida de todos os homens”, parafraseando Protágoras. Nesse sentido foi imperioso debruçar-se no centro de *A República*, mais especificamente, na Alegoria da Caverna, e, dessa perspectiva, vislumbrar, de certo modo, como o conceito de educação, no âmbito hodierno, padece daquilo sinalizado por Vaz (2011, p. 128), ou seja, a “desplatonização da filosofia” —, isto é, o esvaziamento do sentido de educação/formação integral nos sistemas de ensino. Em torno dela, com efeito, impera o enfoque econômico. Portanto, uma vez mais, a partir desse cenário de intensos desafios educacionais, cabe, à luz dos escritos clássicos do criador da Academia, Platão, traçar alguns paralelos no que tange à formação desse mesmo sujeito, mediante o símbolo dos prisioneiros do mundo subterrâneo.

Segundo Sócrates (Platão, 2014), alguns homens se encontram submersos numa habitação em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta; estes, ainda conforme o filósofo, estão lá desde a tenra infância, algemados das pernas ao pescoço, incapazes de se virarem, em face disso, permanecem intactos e olhando tão somente para frente. Mediante a descrição narrada, seu interlocutor — Glauco — expõe que se trata de um quadro muito estranho de prisioneiros, longe de imaginar, contudo, que se trata de um semelhante, não apenas dele, mas da natureza (*physis*) de todos os homens.

Para além desse quadro, Platão ilustra o interior daquele mundo subterrâneo de modo dramático, por motivos que logo serão claras. De início, subsiste uma fogueira que queima para além da visão (costas) dos prisioneiros, bem como um caminho ascendente que, no meio do qual, perpassa um muro, que ao longo deste, alguns homens transitam com objetos em formato de animais que resplandecem, suas imagens, na parede ao fundo da caverna, resultando, aos indivíduos que lá estão, de atribuírem realidade às sombras dos objetos. Percebe-se que o filósofo da Academia está, aos poucos, traçando o modo de educação e deseducação da natureza humana (*physis*).

Posto isso, pode-se perguntar, até aqui, o que a Alegoria da Caverna tende a oferecer?³ Todavia, para melhor enquadramento teórico ou, mesmo, da importância da imagem exposta, isto é, dos prisioneiros inseridos no mundo subterrâneo e, ato contínuo,

³ Para um leitor das obras platônicas, tal indagação pode soar, de certo modo, pueril. No entanto, como o intento não é escrever para “convertidos”, a interrogação, portanto, é válida. Ademais, válida, inclusive, para estruturar o corpo de análise da seção em questão.

sua relação com a formação (ou: condição) do homem contemporâneo (espiritualmente), é mister recorrer a Reale (2013, p. 84-85):

Deve-se [...] que a dimensão do fundo da caverna aumentou imensamente, o caminho para a luz do sol se tornou muito mais apertado e se tornou bem mais íngreme. [...] hoje as imagens que os seres humanos estão contemplando são na maioria virtuais, já sem um referente físico e metafísico, não passam de aparências e, portanto, são substitutivas do real. Por conseguinte, ajudar os seres humanos da atualidade a libertar-se dos grilhões que os mantêm presos na caverna, toda atulhada de instrumentos de comunicação multimídia, se torna cada vez mais difícil.

Ademais, a situação da sociedade como um todo, nos tempos que se seguem, a partir da crise assinalada, acaba por ganhar novos contornos, podendo ser enumerada do seguinte modo:

O cientificismo; 2. O ideologismo absolutizado; 3. O praxismo e o esquecimento do ideal da contemplação; 4. O bem-estar material como sucedâneo da felicidade; 5. A difusão da violência; 6. A redução do Eros à dimensão do físico. 7. [...] o individualismo levado ao extremo; 8. A perda do sentido do cosmos e da finalidade de todas as coisas; 9. O materialismo em todas as suas formas e o esquecimento do ser, a ele vinculado (Reale, 2014b, p. 35).

De volta ao mito, Sócrates registra que um dos prisioneiros, mediante um intenso sofrimento e dor, aos poucos, consegue “volver o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos à luz” (Platão, 2014, p. 264), simbolizando, com isso, o início de um despertar educativo voltado “para objetos mais reais” (Platão, 2014, p. 264), em comparação com as sombras que contemplava. No entanto o maior desafio para tal prisioneiro sucede na sequência, quando submetido a uma retirada forçada da sua condição:

E se o arrancasse à força de sua caverna, compelem a escalar a rude e escarpada encosta e não o soltam antes de arrastá-lo até a luz do sol, não sofrerá ele vivamente e não se queixará destas violências? E quando houver chegado à luz, poderá, com os olhos completamente deslumbrados pelo fulgor, distinguir uma só das coisas que agora chamamos verdadeiras? (Platão, 2014, p. 265).

Em suma, o prisioneiro adapta-se vagarosamente aos objetos da região superior até conseguir contemplar o Sol, símbolo máximo da ascensão da alma rumo à ideia do bem, na figura do autêntico filósofo. Contudo não se pretende delinear os pormenores da parábola, o que cabe, neste pequeno esboço, é o valor educativo que dela emana. Nessa ideia, Sócrates assinala (Platão, 2014) que a educação consiste numa conversão (*periagoge*) e, ato contínuo, que a tarefa do educador-filósofo não é inserir vista à alma,

uma vez que já possui, mas redirecioná-la por estar numa direção que não a convém, qual seja, no estágio de ignorância, do vício e da injustiça.

Posto isso, se o mito da caverna fosse personificado em um dos diversos interlocutores, tendo como parâmetro o *corpus* platônico, este, sem dúvida, seria Cálicles, do *Diálogo Górgias*. Por qual motivo? Ora, sabendo-se que a caverna representa o viver em meio às sombras, ao simulacro, ao plano (mundo) do sensível, portanto, dos falsos valores e prazeres, a vida apregoada pelo sofista (Cálicles) tende a ser o reflexo, o paradigma do viver segundo os critérios de um cavernícola: “Mas o belo e justo por natureza, para te dizer agora com franqueza, é o seguinte: o homem que pretende ter uma vida correta deve permitir que seus próprios apetites dilatam ao máximo e não refreá-los, [...] e satisfazer o apetite sempre que lhe advier” (Platão, 2011, p. 329).

No entanto não se esgota por aí, uma vez que, para Cálicles, todos os homens se “tornariam infelizes sob a égide do belo, da justiça e da temperança” (Platão, 2011, p. 331), isso por razões óbvias, visto que teriam que refrear e/ou mesmo reprimir seus impulsos, suas vontades, logo, o extremo oposto daquilo que comungam como norma de vida: “Na verdade, Sócrates, o que dizes encalçar é isto: luxúria, intemperança e liberdade, uma vez asseguradas, são virtude e felicidade” (Platão, 2011, p. 331).

Eis, de certo modo, o retrato da vida do morador da caverna, que visa tão somente dilatar e satisfazer o máximo dos prazeres sensíveis. A respeito disso, aliás, de acordo com Spinelli (2017), o manter-se na região do sensível é bem mais espontâneo, cômodo e sem esforço, ora, a plena ilustração de um sujeito que vive “hipotecando a própria existência” (Teixeira, 1999, p. 67), em comparação ao indivíduo que empreende a difícil subida à região do inteligível, da sabedoria, do educar-se. Ao passo que, o sentido de educação para o Sócrates de Platão, “jamais é puramente teórica: ela é transformação do ser, é virtude” (Hadot, 1995, p. 109) Enfim, é conversão.

Ademais, aqui valendo-se da teoria platônica da alma triádica, do gênero racional, irascível e concupiscível, em que cada qual é responsável por uma virtude, como explica Trabattoni, “sabedoria para a parte racional, coragem para a animosa [o irascível] e a temperança para a parte concupiscível” (2010, p. 183), e articulando-a (tripartição) com a alegoria da caverna, o significado de estar numa condição de

cavernícola, nessa perspectiva, nada mais é do que dar vazão àqueles desejos “que despertam no sono” (Platão, 2014, p. 339), expressão que deve ser interpretada de duas maneiras. A primeira, deriva-se dos desejos que saltam durante um sonho, das “pulsões inconscientes que os sonhos nos revelam” (Hadot, 1995, p. 104-105). A segunda, de maior preferência neste estudo, deriva-se do sono da razão, na capacidade racional do homem de dominar as duas potências da alma (o irascível e o apetível), ou seja, quando no discutido e afrouxamento da sua tarefa de reger a vida, no agir moralmente, de refrear as solicitações dos apetites carnisais:

[...] entre os apetites e prazeres, [...] alguns me parecem ilícitos. De fato, nascem com o homem; mas, reprimidos pelas leis e pelos desejos mais altos, em alguns, com ajuda da razão, podem extinguir-se de todo ou ficar reduzidos a raros e tênues vestígios [...], enquanto noutros se tornam mais fortes e mais numerosos (Platão, 2014, p. 339).

Por conseguinte, quando a parte racional se encontra em um estado de sonolência, faz daquela, parte concupiscente da alma, na qual reside os desejos terríveis e selvagens, levantar-se “de súbito [...] e procurar satisfazer seus apetites”, não havendo, para ela, “loucura nem imoralidade que não esteja disposta a praticar” (Platão, 2000, p. 399). Na mesma linha interpretativa, Dixsaut (2017) assevera que, pelo fato de estar a razão em um estado de sono, isto é, incapaz de reter seus impulsos mais titânicos, faz dos homens, em verdade, monstros, no plano ético-moral, por desencadear, portanto, as pulsões mais agressivas, transformando o indivíduo submetido a tal regime em seu próprio inimigo.

Desse modo, a caverna tende a simbolizar dois movimentos. De início, o melhor tipo de educação que, como sinônimo, pode-se dizer o melhor tipo de vida, voltada ao autodomínio, à virtude e à justiça na alma. De outro, o pior tipo de vida (deseducação), pois tudo depende da tomada de decisão do sujeito: mover-se (educar-se) ou continuar preso sob os grilhões e a penumbra do mundo das aparências, do cômodo e dos vícios (doença da alma)?

Neste sentido, quando se volta para o mapa dos desafios que subjuga a condição humana (listados por Reale acima), pode-se inferir que a subida para o homem de turno da caverna que se encontra está mais íngreme pelas razões apresentadas e, ato contínuo, por dois motivos de caráter ainda mais particularizado e intenso, que vem a ser, a servidão ao mundo digital, de início, e econômico, subsequente.

Quanto ao primeiro ponto, segundo Lembke (2023), pode-se traduzi-lo nas diversas drogas digitais que escravizam tanto crianças e adolescentes quanto adultos, responsáveis por um vertiginoso aumento de vícios antigos e pela introdução de novos, entre eles, aponta a autora (que além de atuar na área de psiquiatria, insere-se também no campo da medicina de adictos), a pornografia *online*. Em outras palavras, se na caverna antiga (narrada por Platão) os divertimentos dos prisioneiros era adivinhar as imagens que desfilavam sob seus olhos na parede (Platão, 2014), isto é, a ordem que cada qual aparecia por efeito dos objetos que eram transitados (estatuetas de homens e figuras de animais), na caverna atual (digital), os prisioneiros, sob efeito de um eros (desejo) tiranizado, contemplam as sombras, imagens ou, mesmo, *pixels*, de homens e mulheres numa relação de intimidade (pornografia), horas a fio.

Contudo pode-se dizer que seria uma caverna não menos ofensiva que a clássica, a apresentada pelo filósofo, ao passo que a situação do (*homo digitalis*) homem digital é tão dramática e violenta como a do seu antecessor. Ora, caracterizado como um servo do eros tirânico, esse sujeito tende a construir um mundo de sombras, de simulacros, alinhando-se aos dizeres de Sorokin (1961, p. 82) — quando descreve os efeitos do vício moral —, ao apontar que as “ideais e crenças relativas à coisa própria tornam-se cada vez mais falsas”, bem como “os juízos tendem a ser cada vez menos lógico”, com “a avaliação e o gosto tornam-se vulgares”. Entretanto, não se limitando, com efeito, ao escopo tão somente do indivíduo (sua alma), mas de implicações psicossociais, posto que “a sociedade começa a viver cada vez mais num mundo fantástico de fantasmas e miragens” (Sorokin, 1961, p. 82).

Não é demasiado afirmar que se trata de uma caverna (desordem espiritual) que alcança toda uma esfera da cultura, da publicidade e da música. Hoje, com maior alastramento, tendo como parâmetro o mundo das mídias sociais, caracterizado por apelar aos estímulos mais baixos da natureza humana, numa interpretação platônica, reservada exclusivamente à parte apetitiva ou concupiscível dos indivíduos. Assim, trata-se de um problema, como ilustrado, que não se restringe a nenhuma faixa etária, visto que a caverna contemporânea (digital) procura abarcar tanto adultos como crianças, embora não de uma maneira nivelada — dos divertimentos sombreados. Para esse intento, as palavras da psicóloga Susan Linn (2024, p. 35) são reveladoras:

Quanto a mim, fico preocupada sempre que deparo com recém-nascidos e crianças bem pequenas imersos em telas. Não há dúvida de que as imagens em movimento atraem a atenção de maneira imediata e intensa. Verdade seja dita, os pequenos parecem tão envolvidos e engajados que raramente desviam o olhar da tela. Mas o “envolvimento” e o “engajamento” em uma experiência não significam necessariamente que ela seja útil ou relevante. O “mundo” em que os bebês hipnotizados por celulares ou tablets se concentram está confinado a um retângulo plano menor que dez polegadas. É um mundo sem sabores, cheios ou texturas e — o mais importante — sem outras pessoas.

De fato, não há pessoas, visto que a caverna hodierna se caracteriza por esse marco: solidão, carência e tédio. Pois, que, se, na caverna platônica, os prisioneiros mantinham certo contato, comunicação (*vide*) a discussão de quem adivinhava a ordem das imagens que transcorria na parede (Platão, 2014); na atual, está-se à beira de hostilizar o contato pessoal, uma vez que a sua linguagem de turno é, “me segue e/ou me adiciona, para conversarmos”, isto é, cada qual encastelado em seu quarto, pronto, e vem à tona o paradoxo, para iniciar uma “conversa”, eis a feição, quase acabada, da atomização do ser humano em tempos de crises.

Na mesma linha interpretativa, Han (2018) enfatiza que, em razão da eficiência e do comodismo que o mundo digital e, pode-se acrescentar, capitalista impõe, cresce, exponencialmente, a fuga do sujeito do contato com pessoas reais, mais ainda, com a própria realidade, num sentido mais amplo: “Em vista da realidade sentida como incompleta, nos refugiamos nas imagens. Não é com ajuda de religiões, mas sim com técnicas de otimização que nos contrapomos a facticidades do corpo, do tempo e da morte” (Han, 2018, p. 33).

De acordo com Lembke (2023), um dos efeitos do progresso e prosperidade no âmbito tecnológico foi, justamente, a acentuação da infelicidade e da dor, e, paradoxalmente, em virtude de tais desconfortos psicofísicos, faz com que muitos se lancem, a fim de um alívio das tenções, no desenfreno sensível ou, posto de outro modo, em paixões violentas e desregradas. Han (2024), chama esse fenômeno de fuga da dor, pois, segundo os critérios da sociedade paliativa, expressão assinalada pelo autor, ao menor desconforto e incômodo, deve-se buscar um refúgio, objetivamente, uma maneira de medicalização, isto é, um analgésico a fim de evitá-lo.

E os analgésicos do cavernícola atual não possuem limites, fronteiras, indo desde um simples “curtir” nas suas mídias sociais aos prazeres mais deletérios (pornografia, álcool e afins). A caverna contemporânea, portanto, move o sujeito por diferentes modos, e um deles é pelas sombras dos algoritmos, aprisionando-o, inflando “continuamente sua capacidade de [...] aumentar a quantidade de tempo [...] online”, uma vez que “os algoritmos evoluem com base nas coisas que aprendem sobre nós”, logo, “quanto mais tempo ficamos online, mais informações sobre nós mesmos fornecemos”, tonam-se, assim, “mais eficazes [...] para nos manter fisgados” (Linn, 2024, p. 69).

Pode-se dizer que o homem digital, numa espécie de Atlas atualizado, pois “ao invés de carregar o mundo nas costas, o carrega na palma da mão” (Coelho; Furtado, 2012, p. 62), encontra-se numa encruzilhada, em um dilema. Logo, de senhor que se julga ser, está por configurar um mero servo, um escravo (ainda mais potencializado dado o avanço técnico-científico) no âmbito, principalmente, da alma, visto que sua prisão (caverna) é no domínio ético-espiritual, mais do que propriamente físico. Suas dores, portanto, provêm da alma.

Por estar num estado de sonambulismo, o cavernícola hodierno, da criança ao adulto, ignora seu estado e as consequências do seu modo de vida, que vem a ser, do vício em telas e seus derivados: obesidade, distúrbios do sono, depressão e baixo desempenho escolar (Lembke, 2023). Já em adultos, destacam-se os que são dominados pelo eros tirânico (vícios de ordem sexual, em geral, não exclusivamente a pornografia), apresentando os seguintes sintomas: “perturbações maníaco-depressivas, falta de integração dos impulsos, das emoções, dos desejos, das ideias, dos [...] valores morais e dos valores sociais” e, enfim, “intensos conflitos interiores” (Sorokin, 1961, p. 63). Desse modo, a imagem pintada por Platão do homem que é tirano de si mesmo, esboçada na sua célebre obra, não foge daquilo exposto por Sorokin, mas mantém certa correlação:

Sócrates - Ora bem! Acaso não é forçoso que uma cidade dessas e uns homens desses estejam cheios de temor? **Glauco** - É, e muito. **Sócrates** - Achas que encontrarás em qualquer outra cidade mais gemidos, suspiros, lamentações e sofrimentos? **Glauco** - De modo nenhum. **Sócrates** - E no indivíduo? Pensas que em qualquer outro encontrarás essa situação mais acentuada do que no homem tirânico

enlouquecido pelas paixões e por Eros? – **Glauco** Como havia de encontrá-la? (Platão, 2014, p. 350).

Do apresentado, infere-se que a analogia expressa por Reale, da realidade mais íngreme do mundo subterrâneo no contexto presente, ilustra-se à luz de um quadro quase profético. Dado que o percurso ante a saída da caverna atual é, acima de tudo, mais íngente, leva a dores de parto (na alma) com maior agudeza que antes.

A caverna e as sombras do utilitarismo

A segunda razão, outro aspecto da caverna, passa do *homo digitalis*, e dá lugar ao *homo faber*, do animal que labora. Eis a lógica que invade o espaço educacional sob a ótica da redução econômica, que visa reproduzir, na educação, a mentalidade produtivista das empresas, dicotomizando, desse modo, ensino (instrução) e educação (formação) ou, para falar como os gregos, a paideia⁴.

Observa-se que, ao tecer determinada crítica ao modo atual de “gestão” escolar e, logo, produtivo (capitalista), isso não deve significar uma sobreposição, isto é, uma retomada, em sentido estrito, da paideia grega, o que, em sua realidade pretérita e modo produtivo que a regia, configuraria, enfim, uma posição utópica ou, mesmo, irrealizável. Contudo há certos valores da pedagogia antiga que, sob a tutela de consideráveis comentadores (alguns, listados na introdução deste trabalho), pode-se asseverar que são perenes. Lista-se, nesse intento, o desejo de educação da dimensão integral do aprendiz visando a um aperfeiçoamento tanto da esfera intelectual ou técnica (aqui, pode-se falar em ensino) quanto de uma cultura espiritual (formação da personalidade, de sentido ético-moral). É a busca, portanto, de um desabrochar autêntico da humanidade do homem pela educação. Por conseguinte, é com esse viés que segue esta análise crítica.

Diante disso, o ideário de controle do mercado (ou do capital) na educação pode ser traduzido em dois excertos, a saber: “Nós, os empresários, como consumidores do produto da escola, que é a força de trabalho, temos o direito e o dever de definir o que deve ser ensinado na escola e como” (Santos, 2012, p. 178), e, também:

Nada é mais importante para o progresso econômico e social [...] que a educação dos jovens. Uma força de trabalho competente e dotada

⁴ Conforme explica Fonseca (1998, p. 18): “O termo Paideia não tem uma tradução tão simples, [...] ele não significa, como vulgarmente se traduz, apenas educação. Significa muito mais que isso, aglutinando termos tais como cultura, instrução, formação”.

das habilidades necessárias é a base de um crescimento econômico autossustentado. As economias abertas e integradas ao mercado global requerem trabalhadores com capacidade de adaptar-se a mudanças e capacidade de manejo de tecnologias de vanguarda. Unir vontades e esforços é imperativo para consolidar uma reforma exitosa. Nós, os empresários, podemos colaborar com nosso governo para iniciar e sustentar uma reforma educacional eficaz (Santos, 2012, p. 127).

Note-se, quando a latria de uma sociedade se baseia naquele vetor, isto é, o da lógica empresarial, da eficiência e da produtividade, o sentido de educação passa a ser, nada menos, que um modo mecânico do aprender a fazer, um treinamento da mente e do corpo (Coêlho; Furtado, 2016). Consequentemente, o escopo a ser alcançado é a “formação” do *homo faber*, inserir o educando no mundo da fábrica, do comércio, portanto, na “sociedade da produção total” (Coêlho; Furtado, 2016, p. 79).

Sendo assim, o papel e os valores dos quais a escola vem-se aproximando, é no “[...] preparar para a vida, [...] facilitar a vida, torná-la mais confortável. [...] Feita para a sociedade, a escola forma o homem avaro. [...], o espírito da escola é o que poderíamos chamar de uma pedagogia realista” (Coêlho; Furtado, 2016, p. 208). Cálicles, do *Diálogo Górgias*, como mencionado acima como exemplo genuíno de um morador da caverna, aqui, ele seria sem amarras o patrono da educação de turno:

Por isso, pára com essas demonstrações e cultiva a bela ciência da vida prática, para adquirires reputação de sábio, deixando para os outros essas sutilezas [ensino da filosofia na pessoa de Sócrates], quer mereçam ser chamadas tolices, quer palavrório sem valor. [...] Não procures imitar os que se afanam nessas futilidades, mas apenas os que sabem adquirir riqueza, fama e grande cópia dos mais variados bens (Platão, 2011, p. 305).

Também, o modo de operação daquela pedagogia realista não se distancia dos dizeres do sofista supracitado, Cálicles, visto sua total rejeição aos princípios de uma educação com base nas disciplinas humanísticas, tanto que a pergunta, comumente feita pelos adeptos das políticas educacionais alinhados à doutrina neoliberal, é: “por que empregar dinheiro num âmbito condenado a não produzir lucro? Por que destinar recursos a saberes que não trazem uma vantagem rápida e tangível?” (Ordine, 2016, p. 22).

Antes de demonstrar a falácia do argumento exposto, pode-se inferir, conforme Faustino e Lippold (2023), que o ideário que subjaz, tanto na órbita das empresas como

das escolas, atualmente, faz lembrar o sonho dos movimentos industriais do século XX, a saber, do fordismo e do taylorismo. Ou seja, de moldar o trabalhador-bovino, alienado e um mero apêndice da máquina. E a expressão máquina ali colocada ganha, na condição hodierna, um novo matiz, visto que, segundo Han, “a máquina digital e a máquina do capital [...] se uniram em uma sinistra aliança” a fim de aniquilar, sabe-se o quê? E aduz o filósofo, “completamente a liberdade” (2018, p. 34). Logo, o trabalho-bovino de outrora ganha, nas circunstâncias presentes, novos grilhões:

Hoje somos, de fato, livres das máquinas da época industrial, que nos escravizavam e nos exploravam, mas os aparatos digitais produzem uma nova coação, uma nova exploração. Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transformam todo lugar em um local de trabalho e todo o tempo em tempo de trabalho (Han, 2018, p. 36).

Novamente, nas palavras de Han, esclarecendo o tema, embora, aqui, num propósito mais ampliado, pois não somente a mídia digital é “desinteriorizante” (2018, p. 42), mas o formato de ensino movido pelos interesses econômicos, que tem como base a escola como uma antecâmara da fábrica, também o é. Elucidando o exposto, ela ignora quase por completo a experiência interior do educando, a formação do caráter; ou, como descrito na *República* (Platão, 2014), as virtudes cardeais, tais quais: sabedoria, coragem, temperança e justiça, em suma, o desenvolvimento das dimensões humanas do aprendiz, o que torna um problema ainda mais crítico em tempos de crises:

É da alma dos jovens que a escola deveria tentar erradicar justamente a saciedade, o tédio e, de modo particular, a indiferença, que é aquele estado de alma que surgiu após o desconforto metafísico e o sentimento de desespero [...] provocados pelo niilismo, como o demonstrou Lipovetsky (Reale, 2015, p. 82).

Todavia as respostas para enfrentar essa experiência niilista em curso, o vazio que escraviza crianças, adolescentes e adultos, estão enfraquecidas porque, no ambiente escolar, o tema da vida interior (os dilemas da alma) é solapado⁵, o que leva a crer que a temática deveria ser abordada na vida privada do educando, porém, muitas vezes, nesta mesma, encontrar-se-ia a origem do problema. Por sua vez, as repostas estão sendo dadas, sim, contudo, mediante as mídias digitais e o ensino de habilidades para se obter

⁵ Conforme Silva e Salles (2010), onde a falência e desordem afetiva deveriam ser remediadas ou mesmo retrabalhadas, isto é, na escola, dá-se o seu oposto, a fuga paradoxal dos contatos, culminando, ainda, em manifestações agressivas, isto é, violentas, tanto direta e indiretamente, bem como em autoagressão. Derivando, assim, nas doenças espirituais, tais como a depressão e a ausência de sentido.

um ofício, chamado equivocadamente de educação. Desse modo, não é sem razão que a tríade denunciada por Jaeger (1994), que vem a ser o erotismo, o alcoolismo e a depressão, constitui-se na mola mestra da vida psíquica e destrutiva da realidade em curso (contemporânea).

Ainda basta responder à falsa premissa aos que advogam para a dicotomia ou, mesmo, uma condição excludente entre formar para ter um ofício e a educação integral. Nisso, os dizeres de Newman deviam (à maneira como era grafado no frontal da Academia de Platão⁶) estar em relevo em todas as instituições de ensino:

[...] o homem que aprendeu a pensar, raciocinar, comparar, discriminar e analisar, que refinou seu gosto, formou seu julgamento e aguçou sua visão mental, não será de imediato um advogado, um defensor, um orador, um estadista, um médico, um bom senhorio, um homem de negócios, um soldado, um engenheiro, um químico, um geólogo ou um antiquário, mas ele será colocado naquele estado de intelecto no qual ele pode assumir qualquer uma das ciências ou ocupações a que me referi, ou qualquer outro para o qual ele tenha um gosto ou talento especial, com facilidade, graça, versatilidade (Newman, 2020, p. 157).

Segue-se que, quando um programa pedagógico tem como divisa cultivar a integralidade do educando, a dimensão ética e técnica, o que, a reboque, torna-se um sustentáculo e/ou mesmo benefício para todas as esferas sociais. Primeiro, para si próprio (aluno), e, segundo, levando “poder e graça a qualquer trabalho e ocupação a que ele for direcionado” (Newman, 2020, p. 148). Por conseguinte, absolutizar o ensino no aprender a fazer, do preparo ao trabalho, fragmenta, divide, em síntese: precariza o tecido socioeducacional⁷. Nesse sentido, para Reale (2014a), quando uma sociedade, na sua estrutura ético-política, abdica da dimensão do espírito e advoga tão somente ao dado (dimensão) material do homem, inicia-se, nesse processo, sua falência, pois que, cedo ou tarde, o reflexo dessa negligência irá impor-se inexoravelmente.

Por fim, pode-se asseverar, mais uma vez, como Han (2022, p. 65), que “estamos, hoje, aprisionados em uma caverna [...] supondo estarmos em liberdade”,

⁶ “[...] ninguém entre aqui se não conhece geometria” (Paviani, 2008, p. 88).

⁷ Para Coêlho e Furtado (2016, p. 95), ela “banaliza a vida, a morte, [...] o saber, o ensino, o aprender e a formação; subvaloriza a empiria, a prática, a tecnociência, os fatos, os dados, os aspectos quantitativos, as imagens, as mídias, [...] o imediato, o útil e o agradável”.

quando, na verdade, está-se por fazer do simulacro e das correntes algo verdadeiro, demasiadamente verdadeiro.

Considerações Finais

A partir do mito da Caverna, buscou-se traçar um paralelo, no âmbito educativo, da condição dos prisioneiros narrados por Platão e os prisioneiros dos tempos atuais. Isso, porque muitos se encontram à maneira daqueles homens, acorrentados em torno das suas próprias paixões desordenadas e violentas (vício moral), logo, presos em um mundo de ilusão e delícias.

Fenômeno esse constatado, urge discutir, ou até mesmo instaurar, um sistema educativo que vise formar esse sujeito para sair das sombras que ele toma por realidade. No caso presente, das sombras da concepção neoliberal de ensino, dessa penumbra que dificulta enxergar outras dimensões para além das suas imagens técnico-utilitárias, que vem a ser o desabrochar da humanidade do homem mediante uma cultura espiritual, caracterizada no ensino da filosofia, da religião, das artes, da poesia, da educação física e da música. Portanto, é por meio de uma educação total, e não fragmentária, por estar reduzida a duas disciplinas, que o educando terá condições de encontrar uma excelência técnica e da própria natureza humana.

Desse modo, tende-se a extirpar a injustiça e instaurar a justiça e a ordem na alma, fazer do educando um bom indivíduo e cidadão. Esse tem sido, desde os tempos áureos da Grécia Antiga, o sentido último de educação, formar o homem na sua dimensão mais ampla, na esfera da personalidade e do caráter, para, assim, instituir uma sociedade justa e excelente. Portanto, é ascender da caverna que arrasta para o individualismo, o sensualismo e a violência, mediante a virada dos olhos da alma (inteligência) para o bem, o justo e o verdadeiro, regida por uma educação digna dessa tarefa (que se vale dos bens culturais disponíveis no decorrer histórico). Pois que, de outro modo, vigorará o individualismo, o sensualismo e a violência, enfim, uma sociedade injusta.

REFERÊNCIAS

COÊLHO, Ildeu Moreira; FURTADO, Rita Márcia Magalhães. **Universidade, Cultura, Saber e Formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

DIXSAUT, Monique. **Platão e a questão da alma**. Tradução de Cristina de Souza Agostini. São Paulo: Paulus, 2017.

FONSECA, Maria de Jesus. **A paideia grega revisitada**. *Millenium*, [s. l.], v. 3, n. 9, p. 7-29, 1998.

HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga?** 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEMBKE, Anna. **Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar**. São Paulo: Vestígio, 2022.

LINN, Susan. **Quem educa nossas crianças?: como evitar que as novas tecnologias roubem a infância e tornem nossos filhos consumistas**. São Paulo: Vestígio, 2024.

NEWMAN, Johan Henry. **A ideia de uma universidade**. Campinas: Ecclesiae, 2020.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PAVIANI, Jayme. **Platão & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PLATÃO. **Górgias**. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Obras II).

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

REALE, Giovanni. **Salvar a escola na era digital**. Barueri: Ideias & Letras, 2015.

REALE, Giovanni. **História da filosofia grega e romana: Platão**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a. v. 3.

REALE, Giovanni. **O Saber dos Antigos: terapia para os tempos atuais**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes dos. **Pedagogia do mercado: neoliberalismo, trabalho e educação no século XXI**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.

SCOLNICOV, Samuel. **Platão e o Problema Educacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

SOROKIN, Pitirim A. *A revolução sexual americana*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 1961.

SPINELLI, Miguel. *Ética e política: A edificação do éthos cívico da paideia grega*. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

TRABATTONI, Franco. *Platão*. São Paulo: Annablume, 2010.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de filosofia VIII: platônica**. São Paulo: Loyola, 2011.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1999.

Submetido em: 10/02/2026

Aceito em: 25/02/2026